



Ana Lasevicius e
Gabriel Perissé

CONSOANTEIRA

Etimologia para
crianças e curiosos

- Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)
- Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental)

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Luísa Nóbrega



De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Ana Lasevicius e
Gabriel Perissé

CONSOANTEIRA

Etimologia para
crianças e curiosos

- Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)
- Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental)

UM POUCO SOBRE OS AUTORES

Ana Lasevicius é graduada em Comunicação Social. Crítica literária, artista plástica e radialista, Ana publicou diversos livros de literatura infantil.

Gabriel Perissé é escritor, tradutor e professor universitário, com mestrado em Literatura e doutorado em Filosofia da Educação. Ministra palestras na área de formação docente.

RESENHA

Você sabia que a palavra *bugiganga* vem de uma dança engraçada feita por atores espanhóis chamados *bugios*, que costumavam pular e fazer macaquices? Que a palavra *campeão* vem de um antigo termo germânico? Que o nome *dragão* vem de uma palavra grega usada para designar serpentes ou peixes venenosos, muito antes do nascimento de São Jorge? Que *feiticeiro* e *ficção* têm origem no mesmo termo latino? Que *vírus*, em latim, era o nome de qualquer substância venenosa, presente em plantas ou animais? Que *xarope* vem da palavra árabe *sharab*, que quer dizer bebida ou poção? Na busca pela origem de palavras que usamos ao conversar, ler e escrever, nos deparamos com vocábulos de diferentes partes do mundo – indígenas, latinos, gregos, alemães, holandeses, árabes, e por aí seguimos mundo afora...

A série *A árvore da palavra – etimologia para crianças e curiosos* propõe um jogo bastante divertido: antes de apresentar a origem da palavra em destaque, cria uma definição inventada, muitas vezes estapafúrdia, mas sempre inventiva e bem-humorada. Ao optar por esse jogo, aparentemente simples, os dois autores colocam o leitor diante de uma visão bastante complexa, plástica e cambiante da linguagem: pois sim, as palavras costumam se misturar umas com as outras, criando insuspeitados sentidos! Os vocábulos e seus significados, o leitor vai se dando conta, mudam na mesma medida em que os povos e seus costumes se transformam e se deslocam, de modo que a origem de uma palavra corriqueira pode estar em um vocábulo usado em uma terra bastante longínqua, com uma língua e concepção de mundo bem diferente.

Pensar nisso leva o leitor a dar-se conta de que uma língua não é apenas um conjunto de signos isolados, mas um organismo vivo que contagia outras línguas e se contamina com as outras línguas, incorporando variações que nos fazem pensar nos fluxos de pessoas, informações e ideias que povoam o mundo, a despeito de todas as muitas diferenças entre linguagens e nações. No volume *Consoanteira*, os autores nos apresentam palavras-surpresa que começam por consoantes, incluindo o *W* quando representa o mesmo som do *V*.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: verbete de curiosidades.

Palavras-chave: linguagem, etimologia.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Geografia.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Educação das relações étnico-raciais, Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental) e Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Será que reconhecem os dois animais ali retratados, um em cima do pescoço do outro? Chame a atenção para o modo como dois cipós se cruzam por trás do título do livro, e como o subtítulo aparece escrito em um balão à moda dos balões de histórias em quadrinhos, saindo da boca sorridente do caracol.

2. Chame atenção para o título e o subtítulo do livro. O que será que *consoanteira* pode querer dizer? E *etimologia*? Estimule as crianças a criar hipóteses a respeito do sentido das duas palavras, livremente, e em seguida consulte o dicionário. Logo descobrirão que uma delas é uma palavra que existe na língua portuguesa e a outra é uma palavra inventada.

3. Leia com a turma o texto da quarta capa, que começa com as seguintes perguntas: *Você já tentou adivinhar o significado de uma palavra antes mesmo de procurá-la no dicionário? Já brincou de inventar definições malucas e sem sentido para um verbete?* Sugerimos que os alunos aceitem o desafio, e, em pequenos grupos de três ou quatro colegas, com a ajuda do dicionário, brinquem um pouco de criar definições absurdas.

4. Leia com os alunos o texto das páginas 4 e 5, “Consoanteira: que árvore é essa?”, em que os autores apresentam aos jovens leitores a proposta do livro. Em seguida, esclareça eventuais dúvidas que possam haver surgido: será que ficou claro para a turma o que é, afinal, etimologia? O que é uma consoante? Quais são as consoantes da língua portuguesa?

5. Leia com a turma a seção *Autores e obra*, para que conheçam um pouco mais a respeito da trajetória dos autores e do ilustrador: que tipo de pergunta os levou a escrever esse livro? Ora, eles irão descobrir que o livro começou com um jogo bastante similar ao que eles acabam de participar.

6. Na seção *Autores e obra*, Ana Lasevicius revela que seu nome tem origem no hebraico, *Hannah*, que quer dizer “cheia de graça”. Será que os alunos sabem a origem do nome deles e seu significado? De que maneira os nomes se modificam em outras línguas? Desafie-os a pesquisar na internet e descobrir. Montar um mural com a etimologia dos nomes pode ser muito motivador.

Durante a leitura

1. Veja se os alunos percebem como, nas páginas pares, vamos encontrar a explicação inventada (e muitas vezes engraçada e absurda) para a origem de uma palavra, seguida de um grande *não*, com ponto de exclamação. É sempre nas páginas ímpares que encontraremos a verdadeira etimologia de cada palavra, seguida de um pequeno conjunto de versos que discorre sobre o seu sentido.

2. Como o livro é escrito todo em versos, em forma de poema, fazendo uso de rimas, e como boa parte dos jogos de palavras e efeitos de humor propostos pelos autores brincam com a sonoridade dos vocábulos, pode ser interessante realizar a leitura em conjunto com a classe, em voz alta, deixando a leitura de cada página a cargo de uma criança.

3. Veja se os alunos percebem como as explicações inventadas nunca são inteiramente aleatórias: elas sempre tomam como ponto de partida, para suas hipóteses, uma ou mais palavras que apresentam uma sonoridade semelhante à da palavra que está sendo focalizada.

4. Proponha aos alunos que façam uma lista das outras línguas que deram origem às palavras que usamos – levando em conta a explicação real, claro, não a inventada!

5. Chame a atenção da turma para as divertidas e coloridas ilustrações que acompanham o texto. De que maneira elas remetem, a cada caso, para a palavra a ser desvelada? Observe se notam

como, em alguns casos, a relação entre palavra e imagem é mais direta, em outros, mais indireta e metafórica.

Depois da leitura

1. Traga um dicionário de etimologia para mostrar para a classe ou consulte <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Dê às crianças um tempo para pesquisar a origem de algumas palavras que lhes despertem especial curiosidade.

2. Para conversar um pouco mais sobre o assunto, leia com a turma o texto “Etimologia, o que é isso?”, que figura na página de abertura do *site* <http://origemdapalavra.com.br/>, que compara as palavras a seres vivos que nascem, se desenvolvem, têm seu apogeu e por vezes morrem – e adverte para o fato de que a etimologia pode ser uma atividade deliciosamente viciante. Em seguida, sugira aos alunos que leiam outros textos desse inventivo *blog*, que nos apresenta a origem de inúmeras palavras interligadas em forma de bem-humoradas crônicas narrativas – na seção *lista das palavras*, é possível escolher uma palavra e ler o texto em que sua origem é explorada.

3. Estudar etimologia é dar-se conta da enorme contaminação e promiscuidade fértil que existe entre idiomas aparentemente muito diferentes. De fato, as línguas mais faladas no mundo ocidental têm quase todas um tronco comum – o indo-europeu. Compartilhe com a turma uma das esclarecedoras imagens da árvore das famílias linguísticas disponível em <<https://oprogramalinguisticalista.wordpress.com/2015/11/23/algumas-arvores-para-voce-descobrir-sua-origem-linguistica/>>.

4. O fato de o português e o espanhol, línguas do tronco românico indo-europeu, serem falados na América do Sul tem uma explicação histórica bastante clara: o processo de colonização. A região, porém, possui uma grande riqueza de diferentes línguas indígenas, que muitas vezes acabaram ficando em segundo plano à medida que as línguas colonizadoras foram tomando espaço. Quantas línguas indígenas existem no Brasil? Desafie os alunos a descobrir. Quais das palavras que usamos no dia a dia possuem sua origem em línguas indígenas – maracujá, abacaxi, mandioca, amendoim? Estimule-os a visitarem o dicionário ilustrado tupi-guarani: <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/>>.

5. Proponha um jogo para que os alunos, em duplas, criem verbetes-poemas inspirados nas páginas duplas do livro:

a) em primeiro lugar, cada dupla deve escrever em um papel uma palavra cuja origem gostaria de descobrir;

b) o professor deve recolher os papéis dobrados, misturá-los e oferecê-los às duplas de modo que cada uma sorteie uma palavra;

c) proponha então que, inspirando-se no livro, escrevam uma definição absurda para a palavra que receberam, em versos rimados;

d) por fim, deixe que consultem o dicionário etimológico impresso ou digital para conhecerem a verdadeira origem da palavra. Peça que a reescrevam também em forma de versos rimados.

6. Agora que a turma já sabe que a palavra zero vem do árabe *sifr*, que significa vazio, leia com eles essa esclarecedora reportagem da *Revista Superinteressante*, que conta como os hindus, os maias e os babilônicos já possuíam um conceito de zero, enquanto os antigos gregos não. Esse fato nos ajuda a dar-nos conta da complexidade e importância desse número aparentemente nulo: <<https://super.abril.com.br/ciencia/a-importancia-do-numero-zero/>>.

LEIA MAIS...

DOS MESMOS AUTORES E COLEÇÃO

- *Vogueira – Etimologia para crianças e curiosos*. São Paulo: Moderna.
- *Pé de cá-dáblu-ípsilon – Etimologia para crianças e curiosos*. São Paulo: Moderna.

DO MESMO GÊNERO

- *Paca, tatu e cotia! Glossário ilustrado de tupi*, de Mouzar Benedito. São Paulo: Melhoramentos.
- *O livro das línguas*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos.
- *O livro da escrita*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos.
- *O livro dos gestos e dos símbolos*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos
- *O livro do papel*, de Ruth Rocha e Otávio Roth. São Paulo: Melhoramentos.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa “Leitura em família”, para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!